

O MÉTODO EM MARX: APROXIMAÇÕES AO DEBATE¹

Ingredi Palmieri Oliveira²

Ana Paula Leite Nascimento

Maria Auxiliadora Silva Moreira Oliveira

Resumo

O presente trabalho objetiva tecer aproximações ao método em Marx no intuito de contribuir com o debate em torno das teorias sociais. Para isso, pontuará o percurso teórico-filosófico do autor, citado para mostrar suas principais diferenças em relação aos demais autores de sua época. Também elucidará o caráter ontológico, que constitui a principal característica do método marxiano e exporá as principais categorias que fazem parte da sua elaboração metodológica. O estudo tomou como base o método dialético, posto que este método se propõe ir além da realidade aparente e busca desvendar as contradições que se encontram por trás das aparências fenomênicas. A pesquisa caracterizou-se como bibliográfica, com abordagem qualitativa. Foi traçado um levantamento bibliográfico acerca da temática em questão, reportando-se a autores e estudos que travam esta discussão. Percebeu-se a relevância que as contribuições marxianas trazem para a teoria do conhecimento, imprimindo-lhe novidades, aproveitando o existente e fazendo críticas que reformulam concepções. É Marx o responsável pela virada materialista na ontologia do ser social e da sociedade. Verificou-se que a elaboração teórica de Marx tem como principal objeto a análise do modo de produção capitalista. Notou-se ainda que Marx é contra qualquer separação entre teoria e prática, entre pensamento e realidade. Desta maneira a teoria social de Marx vincula-se a um projeto revolucionário. O marxismo constitui uma concepção materialista da história, derivada da predominância da materialidade sobre a ideia. Cumpre registrar as exitosas contribuições da teoria e do método marxiano para a pesquisa, principalmente nas ciências sociais. Portanto, a tentativa de aproximação ao arcabouço teórico-metodológico de Marx é extremamente pertinente para dirimir dúvidas e guiar a ação, numa perspectiva transformadora.

Palavras-chave: ciência; ontologia; método marxiano.

1. Introdução

Vive-se um momento em que as teorias e os métodos de pesquisa estão sendo alvo de críticas e reformulações. Nesse caminho, vislumbra-se o debate sobre crise de paradigmas, pluralismo metodológico, subjetivismo. Tais aspectos, além de manter relação com a

1 Esse trabalho é resultado da pesquisa bibliográfica realizada na Disciplina Teoria Social e Metodologia da Pesquisa em Serviço Social do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Federal de Sergipe.

2 Assistente Social (UFS, 2009). Mestranda em Serviço Social (UFS). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), lotada no IFS – Campus Aracaju. Avenida Augusto Franco, Nº. 3553, Bloco J, Apto: 105, Bairro: Ponto Novo, Aracaju – SE, CEP: 49027-040. Contatos: (79) 9951-3175; (79) 3711-3212; ingredi.palmieri@gmail.com.

diversidade de perspectivas e concepções teóricas existentes, dizem respeito às mudanças vivenciadas pela sociedade que requisitam respostas mais eficazes da teoria.

O marxismo talvez seja o maior alvo das críticas contemporâneas, visto que além de formular teoria sobre a realidade tem o propósito de intervir nela, numa direção de superação da ordem mantida pelo modo de produção capitalista. Por isso, retomar seus pressupostos seja uma forma de contribuir com o debate, ao mesmo tempo em que possa esclarecer alguns equívocos.

Cabe pontuar que o resgate do método em Marx constitui-se como um desafio, dada a riqueza de categorias nele presentes. Diante disso, o esforço de sistematização aqui empreendido tem o cuidado de não incorrer em compartimentalizações estanques ou etapistas, que descaracterizem o movimento do tema em tela – o método em Marx.

Portanto, o presente artigo objetiva realizar aproximações ao método em Marx, a fim de subsidiar o entendimento sobre tão fecundo pensador.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral:

Tecer aproximações ao método em Marx no intuito de contribuir com o debate em torno das teorias sociais.

2.2. Objetivos específicos:

- Pontuar o percurso teórico-filosófico de Marx, destacando as principais diferenças em relação aos demais autores de sua época;
- Elucidar o caráter ontológico como principal característica do método marxiano;
- Expor as principais categorias constitutivas da elaboração metodológica de Marx.

3. Metodologia

O estudo tomou como base o método dialético, posto que este método se propõe ir além da realidade aparente e busca desvendar as contradições que se encontram por trás das aparências fenomênicas. Nesse sentido procura-se chegar à sua essência, reproduzindo-se a realidade pesquisada no plano do pensamento, enquanto real pensado (KOSIK, 1995). Assim,

entende-se que a verdade encontra-se no próprio movimento da realidade, reservando ao pesquisador a tarefa de descobri-la e representá-la idealmente.

A pesquisa caracterizou-se como bibliográfica com abordagem qualitativa. Para Gil (1999, p. 66) “ a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto [...]” Ela ainda apresenta como principal vantagem “ o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Ibidem, p. 50).

Foi traçado um levantamento bibliográfico acerca da temática em questão, reportando-se a autores e estudos que travam esta discussão.

4. Resultados

Entender o processo de construção da teoria e do método em Marx requer uma aproximação às críticas existentes sobre ciência e filosofia, muitas delas feitas pelo próprio Marx, bem como às divergências das próprias teorias científicas entre si.

Em decorrência da forma fragmentada de conceber o mundo, própria do ideário burguês, os diferentes ramos da ciência estavam se particularizando. Também existia uma polaridade entre ciências da natureza e da sociedade e ambas se dividiam em ramos específicos ou ciências particulares, perdendo cada vez mais sua unidade. Nessa direção, Marx tinha como premissa que não se pode considerar o ser social independente do ser da natureza, como faz a filosofia burguesa ao se referir aos domínios do espírito. Assim, ele combatia a transposição simplista e materialista vulgar das leis naturais para a sociedade, próprias do positivismo (LUKÁCS, 1972).

Por sua vez, a filosofia tinha sido destituída de seu caráter ontológico de percussora das ciências e constituía-se por elementos lógicos e gnosiológicos. No entanto, Marx reconhecia a importância da filosofia para a elaboração científica, tanto é que perseguiu durante toda sua produção teórica a perspectiva ontológica.

Contudo, ao centrar seus interesses na fundação de uma ciência da economia, Marx foi criticado de se afastar da filosofia para ser um especialista em economia, sendo assim confundido como um pensador que faz oposição mecanicamente rígida entre ciências particulares e filosofia (lógica e gnosiologia). Todavia, tal crítica não procede, visto que Marx, de acordo com Lukács (1972), ao se aproximar da economia acabou aprofundando todas as suas concepções filosóficas. Assim, o espírito científico de Marx passou pela filosofia. A

economia marxiana parte da totalidade ontológica do ser social e volta a ela, jamais renunciando a consciência e visão crítica em sentido ontológico.

Dada a concepção ontológica da ciência, que será aprofundada mais adiante, o teórico em questão pensava o desenvolvimento da mesma a partir da vida, que implica em um comportamento ontológico. “Cientificidade que não perde jamais a ligação com a atitude ontologicamente espontânea da vida cotidiana” (LUKÁCS, 1972, p. 24).

Aliando-se a tais concepções, o pensamento de Marx recebeu várias influências, dentre as quais se destacam a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês (NETTO, 2009).

No que diz respeito à filosofia alemã, as adesões e críticas aconteceram por meio de Hegel e Feuerbach. Em relação a Hegel, os principais aspectos que influenciaram Marx foram sua filosofia da história e sua concepção dialética. Hegel considerava que nada no mundo é estático, tudo está em constante processo (vir-a-ser). Portanto tudo é histórico, concebido enquanto história do progresso da consciência da liberdade. Apesar disso, toda a teoria de Hegel era idealista e foi ao entrar em contato com Feuerbach que Marx recebe a influência do materialismo, o qual possui caráter ontológico centrado na natureza.

A partir dessa influência Marx realizou uma revisão crítica de Hegel mantendo o entendimento da história enquanto progressão dialética, mas discordando de sua concepção idealista, visto que, a partir de Feuerbach, passou a compreender que a origem da realidade social não reside nas ideias, mas sim na ação concreta. Assim, a existência material precede qualquer pensamento e não existe possibilidade de pensamento sem existência concreta. Tal entendimento fica evidente na célebre frase de Marx: “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47).

Então, Marx inverteu a dialética hegeliana, porque colocou a materialidade – e não as ideias – na gênese do movimento histórico que constitui o mundo. Dessa forma, existia uma ilusão idealista em Hegel que se apresentava na ausência de distinção entre ontologia e gnosologia.

Para Marx, no que diz respeito à filosofia do direito de Hegel, as relações jurídicas e formas de Estado não podem ser explicadas por si mesmas e nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas têm suas raízes nas condições materiais de existência. Em suma,

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX *apud* NETTO, 2009, p. 673).

Apesar da aproximação à concepção materialista de Feuerbach, há também discordância de Marx em relação a este autor, vez que sua vertente materialista faz distinção entre natureza e sociedade, fato que é inconcebível para Marx, posto que considera uma única ciência, a ciência da história, que integra natureza e sociedade. Além disso, Feuerbach não considerava a história. Separava materialismo de história e ignorava a ontologia do ser social (LUKÁCS, 1972).

No que diz respeito ao socialismo utópico, este era um conjunto de doutrinas diversas (e até antagônicas entre si) que tinham em comum, entretanto, duas características básicas: a base determinante do comportamento humano residia na esfera moral/ideológica e o desenvolvimento de uma nova era, onde iria imperar a harmonia social. Nesse sentido, a crítica de Marx se referia às ideias românticas dos socialistas utópicos (principalmente dos franceses), fruto da falta de rigor no estudo da conjuntura social, principalmente no que diz respeito à economia política. Além disso, eles diziam como deveria ser a sociedade harmônica ideal, mas não mostravam indicativos sobre como alcançá-la.

Em relação à economia política clássica, as contribuições que julgou mais fecundas foram as elaboradas por Adam Smith e David Ricardo. Na obra deste último, Marx encontrou conceitos, quais sejam: valor, divisão social do trabalho, acumulação primitiva e mais-valia – bastante utilizados no debate britânico – que, após profunda revisão e reelaboração, adotou em definitivo.

Diante de tais interferências, Marx propõe uma ruptura com o modo de fazer ciência e filosofia até então existentes. Essa ruptura é eminentemente ontológica, pois busca na realidade o fundamento da existência e não na ideia, no pensamento (TONET, 1995).

Isso traz implicações à relação sujeito/objeto, sendo o objeto, para Marx, o guia do sujeito no processo do conhecimento. Assim, “a teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa” (NETTO, 2009, p. 673).

A relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico, para Marx, não deve pautar-se na autonomia, externalidade ou neutralidade do sujeito nem do objeto, mas sim de forma relacional, uma vez que, apesar do movimento do objeto comandar os procedimentos do pesquisador, o papel que este deve desempenhar é ativo. Noutras palavras:

É a estrutura e a dinâmica do objeto que comandam os procedimentos do pesquisador. O método implica, pois, para Marx, uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põem o pesquisador para, na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações (Ibidem, p. 689).

Também é importante pontuar, neste cenário, a crítica dirigida ao empirismo, posto que tal corrente teórica dispõe de algumas semelhanças com o materialismo, quais sejam, a de partir dos fatos – recusando conexões construídas em abstrato – e a de possuir uma característica ontológica – no caso do “velho” empirismo. No entanto, este se limitava ao caráter imediatamente dado, sem se preocupar com as mediações e deixava de lado conexões ontológicas decisivas. Já no empirismo positivista, desaparece essa ontologia para dar lugar a categorias manipulatórias construídas abstratamente (LUKÁCS, 1972). Assim,

A aderência pragmática aos fatos imediatamente dados exclui da concepção de conjunto certas conexões efetivamente existentes, mas que se apresentam com menor imediaticidade, com o frequente resultado de se desembocar numa falsificação objetiva dos fatos fetichisticamente divinizados (LUKÁCS, 1972, p. 23).

Diante do exposto, percebe-se a relevância que as contribuições marxianas trazem para a teoria do conhecimento, imprimindo-lhe novidades, aproveitando o existente e fazendo críticas que reformulam concepções. É Marx o responsável pela virada materialista na ontologia do ser social e da sociedade. Vejamos como se dá esse processo, que marcará e distinguirá sua formulação teórica e, principalmente, metodológica.

Segundo Netto (2009, p. 676) “[...] a orientação essencial do pensamento de Marx era de natureza ontológica e não epistemológica”. Entender a premissa ontológico-materialista de Marx pressupõe entender como este visualizava a relação homem/natureza.

Como visto anteriormente, uma das críticas de Marx a Feuerbach, residia na separação, por parte deste último, entre natureza e sociedade na concepção de materialismo. Assim, em sua análise, Marx não dissocia sociedade de natureza e atribui a esta uma prioridade ontológica, ou seja, a natureza pode existir sem sociedade, mas a sociedade não existe sem a natureza.

Então, o que irá fundar o ser humano enquanto ser social é uma forma diferenciada de relação entre este e a natureza, que se constituirá através do trabalho com seu elemento teleológico³, ou seja, o desenvolvimento social começa com o salto do pôr teleológico do

3 É por meio da teleologia que o homem projetará em sua mente o resultado que se quer conseguir através do trabalho, direcionando sua ação, diferentemente das atividades realizadas por outros seres vivos, as quais dão respostas determinadas geneticamente às necessidades biologicamente estabelecidas.

trabalho, que funda o ser social. É através do trabalho que são afastadas as barreiras naturais, que diminuíram a dependência do homem em relação à natureza, porém não excluem-na.

A determinação da base natural e da sua conseqüente transformação social traz o trabalho como categoria central. Os objetos naturais existem objetivamente, independentes da consciência dos homens e, por meio do conhecimento correto através do trabalho, são postos em movimento e convertidos em coisas úteis. Essa conversão em coisas úteis é um processo teleológico: nestes termos, base da ontologia do ser social e algo radicalmente novo (LUKÁCS, 1972). Assim, “Marx descobriu que o procedimento fundante é a análise do modo pelo qual nele se reproduz a riqueza material” (NETTO, 2009, p.682). Ou ainda

A virada materialista na ontologia do ser social, provocada pela descoberta da prioridade ontológica da economia em seu âmbito, pressupõe uma ontologia materialista da natureza. [...] A fundação de uma ontologia materialista da natureza, que compreenda em si a historicidade e a processualidade, a contraditoriedade dialética, etc, já está implicitamente contida no fundamento metodológico da ontologia marxiana (LUKÁCS, 1972, p.20).

A elaboração teórica de Marx tem como principal objeto a análise do modo de produção capitalista. Para ele, a economia burguesa fornece a chave da economia da antiguidade e assim ele inverte o argumento positivista de que o mais simples explica o mais complexo.

Voltando à sociedade capitalista, Marx tem como intuito perseguir a sua origem, funcionamento e seu caráter contraditório, bem como a sua superação. Este último elemento supõe que a teoria marxista é, substancialmente, uma crítica radical da sociedade capitalista.

No entanto, tal crítica não se limita a teoria em si. Marx é contra qualquer separação entre teoria e prática, entre pensamento e realidade, porque essas dimensões são abstrações mentais (categorias analíticas) que, no plano concreto, real, integram uma mesma totalidade complexa.

Dessa maneira, a teoria social de Marx vincula-se a um projeto revolucionário. “Foi um pensador que colocou na sua vida e na obra a pesquisa da verdade a serviço dos trabalhadores e da revolução socialista” (NETTO, 2009, p. 669).

Já sobre o método, não há elaborações sistemáticas do próprio Marx sobre ele, até porque o método em Marx não se constitui como um conjunto de regras ou procedimentos e técnicas para o leitor aplicá-las diretamente ao objeto. O teórico em tela “foi progressivamente determinando o método adequado para o conhecimento veraz, verdadeiro

da realidade”. (Ibidem, p. 672). Portanto, infere-se que instrumentos e técnicas são diferentes de método.

O que existe sobre o método em Marx são premissas e indicações contidas em suas obras, que levam à construção de direcionamentos e pressupostos. O primeiro deles diz respeito à relação sujeito/objeto, já exposto anteriormente, ou seja, informa que o sujeito deve aproximar-se e apropriar-se das características do objeto. Assim, “Marx separa claramente o que é da ordem da realidade, do objeto, do que é da ordem do pensamento [...] começa-se “pelo real e pelo concreto” [...] e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos, a abstrações que remetem a determinações as mais simples” (Ibidem, p.684). Dessa forma, Marx qualifica o método como aquele que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, única forma pela qual o pensamento se apropria do mundo.

Cumprir destacar a diferenciação entre abstrato e abstração feita por Netto (2009). Abstração se constitui “como capacidade intelectual, que permite extrair da sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável” [...] (p.684). Já o elemento abstraído vem a ser o abstrato.

Derivam daí as questões referentes ao fenômeno e à essência. Nela o objetivo do conhecimento é partir da aparência imediata do fenômeno para se chegar a sua essência.

De acordo com Lukács (1972, p.25) “Quando se trata de ser social assume um papel decisivo o problema ontológico da diferença, da oposição e da conexão entre fenômeno e essência. Já na vida cotidiana os fenômenos frequentemente ocultam a essência do seu próprio ser, ao invés de iluminá-la”.

Tal movimento do fenômeno e sua essência pode ser explicado da seguinte forma:

[...] o fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde, pois a essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo parcial, ou sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno aparentemente indica algo que não é ele mesmo e vive graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente, ela é mediata ao fenômeno e se manifesta em algo diferente daquilo que é. Contudo a essência se manifesta no fenômeno e, por isso, o fenômeno revela a essência (KOSIK *apud* BEHRING e BOSCHETTI, 2006, p. 39).

Ao entender que os fenômenos são movimento, processos de uma determinada realidade, Marx resgata a processualidade histórica destes, extraída da aproximação a Hegel “[...] não se pode conceber o mundo como um conjunto de coisas acabadas, mas como um conjunto de processos” (MARX; ENGELS *apud* NETTO, 2009, p.678).

O marxismo constitui uma concepção materialista da história, derivada da predominância da materialidade sobre a ideia, mas compreendendo-a longe de qualquer determinismo, entendendo as coisas em seu movimento, em sua inter-determinação, que é a dialética.

Portanto, para compreender os conceitos marxianos como forças produtivas, capital, entre outros, deve-se levar em conta o processo histórico, visto que tais conceitos não são abstratos, mas sim uma abstração do real, tendo como pressuposto que o real é movimento. O objetivo seria tornar conscientes os fundamentos dos fenômenos, seus condicionamentos e seus limites, fazendo a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais.

Realizando um percurso pela teoria de Marx, que em nenhum momento deve ser desvinculada do seu método e vice-versa, pois existe em Marx uma indissociável conexão entre elaboração teórica e formulação metodológica, percebe-se que há uma nuclear articulação de três categorias, quais sejam, totalidade, contradição e mediação (NETTO, 2009).

É importante ressaltar que as categorias “exprimem [...] formas de modos de ser, determinações de existência, frequentemente aspectos isolados de [uma] sociedade determinada [...]” (Ibidem, p.685), e podem ser consideradas como ontológicas e reflexivas.

No que se refere à totalidade, esta deve ser visualizada não como um fato formal do pensamento. Ela constitui a reprodução ideal do realmente existente. Para Marx a sociedade burguesa é uma totalidade concreta formada por outras totalidades. Seu movimento resulta do caráter contraditório de todas as totalidades. Deve-se apreender a totalidade do ser em suas múltiplas determinações e relações, a fim de revelar suas conexões internas, necessárias à sua apreensão. Entretanto, há que se ponderar que totalidade não é a soma das partes,

Totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. (KOSIK *apud* BEHRING e BOSCHETTI, 2006, p. 41).

Para tentar capturar essa totalidade são necessárias mediações (internas e externas) que articulam as totalidades, visto que as relações entre as diferentes totalidades não são diretas.

Marx supõe que a dinamicidade do movimento dos objetos, enquanto totalidades, tem caráter contraditório. Assim, a contradição se constitui enquanto motor permanente da relação dinâmica entre processos, ou seja, a força motriz do próprio processo normal e não apenas a

forma de passagem de um estágio a outro. É princípio do ser e só é possível apreendê-la na realidade enquanto base dos processos (LUKÁCS, 1972).

Elucidando tal questão na prática, “as forças produtivas que se desenvolvem na sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo” (MARX, 2008, p. 48).

Contudo, na elaboração metodológica de Marx, o que caracteriza a sua adequação para a elaboração teórica é percorrer novamente o caminho feito, ou seja, depois de alcançar as determinações mais simples evidencia-se a necessidade de realizar a “viagem de volta”, superando a representação caótica de um todo, possibilitando uma rica totalidade de determinações e relações diversas.

5. Considerações finais

A tentativa de apreensão das elaborações teórico-metodológicas não é algo simples, dada a riqueza categorial que este teórico utiliza para capturar a realidade. Tal característica é derivada da sua forma de entender o objeto com seu movimento próprio e da postura que o pesquisador assume diante dela.

Nesse sentido cumpre registrar as exitosas contribuições da teoria e do método marxiano para a pesquisa, principalmente nas ciências sociais. Tal êxito reside, além do elemento exposto no parágrafo acima, no fato de que o principal objeto de estudo de Marx foi a sociedade burguesa, denotando assim, a atualidade e relevância de suas elaborações. Disto implica o caráter prático de tais acepções, visto que o presente pensador persegue a realidade concreta.

Contudo dado este caráter concreto, que é vivenciado pelos mais diversos sujeitos, Marx não escapa às críticas e polêmicas a ele atribuídas, principalmente por sua postura e posicionamento práticos, na tentativa de reverter a ordem estabelecida, deixando de ser um mero estudioso para intervir na realidade, a partir de sua própria teoria. Portanto, a tentativa de aproximação ao arcabouço teórico-metodológico de Marx é extremamente pertinente para dirimir dúvidas e guiar a ação, numa perspectiva transformadora.

REFERÊNCIAS

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. **Política social: Fundamentos e história**. Coleção Biblioteca básica de serviço social, v. 2. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KOSIK, K. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências humanas, 1979.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

NETTO, J. Introdução ao método da teoria social. In: **Serviço Social**: Direitos e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

TONET, I. O pluralismo metodológico: um falso caminho. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**. Ano XVI. Nº 48. São Paulo: Cortez, 1995.